

ASSÉDIO SEXUAL, PROMOÇÃO E DIFERENÇAS SALARIAIS

Factos que inquietam jornalistas da região

n DELFINA MUGABE

ASSÉDIO sexual, promoção e salário igual para trabalho igual desenvolvido por homens e mulheres na Comunicação Social foi o escopo que juntou, recentemente, na cidade sul-africana de Joanesburgo, 15 mulheres jornalistas de diversos países da África Austral.



Uma das sessões de debate de questões de género na Comunicação Social dos países da África Austral

O evento, promovido pela Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), pretendia munir as participantes de conhecimentos necessários que, uma vez nos seus países, poderão permitir-lhes reivindicar os seus direitos como profissionais de Jornalismo.

Tratou-se de jornalistas de Moçambique, Angola, Botswana, Zimbabwe, Zâmbia, Lesoto, Suazilândia, Malawi e África do Sul, que durante cinco dias participaram num curso de formação

Pretende-se que as 15 participantes façam a disseminação dos conhecimentos adquiridos nos seus países, para que em uníssono a mulher jornalista faça valer os seus direitos nas empresas jornalistas. Neste sentido, as participantes deverão promover formações idênticas envolvendo outras jornalistas.

Cientes de que actualmente a situação do desequilíbrio do género esteja a registar melhorias em alguns países da região austral de África, as jornalistas consideraram pertinente continuar a

al, desigualdades salariais e dificuldades de promover mulheres continuam a ser factos que devem ser denunciados e combatidos", referiram as participantes.

Aliás, Asanda Sokanyille, jornalista sul-africana, disse, a propósito destes factos, que o seu país está a registar progressos em termos de equilíbrio de género.

mas, infelizmente, continuam a prevalecer algumas inquietações no que diz respeito à igualdade de oportunidades entre homens e mulheres jornalistas, sobretudo em matérias de participação nos

poucas oportunidades que as mulheres têm de se formar, o que, segundo ela, lhes abriria algumas portas para participarem na discussão e tomada de decisões importantes sobre a vida das suas comunidades, dos locais de trabalho e mesmo do país.

No Malawi, a situação é análoga, segundo a jornalista Mandy Pondani, o que significa que o equilíbrio de género está a melhorar, mas as inquietações se mantêm porque ainda há janelas que deixam passar alguns feixes de desigualdade no que diz res-

que nos outros países a mulher jornalista lida com esta matéria de "gender equity and safety" (o que na língua portuguesa significa equilíbrio de género e segurança), disse a malawiana.



Grupo de jornalistas que participou no encontro de Joanesburgo, numa acção de "stop sexual harassment"

Sozinhas não chegam longe!

VITÓRIA Mtomba é uma jornalista zimbabweana, que também participou no encontro de Joanesburgo juntamente com a sua compatriota Pamela Shumba. Partilhando a experiência do seu país, ela abordou a questão da formação, que parece ser marginalizada quando se trata de uma mulher. "No Zimbabwe temos muitas mulheres formadas, mas mesmo que tenham o nível de mestrado continuam a ser tratadas como se fossem jornalistas principiantes na profissão. Não são valorizadas nem promovidas, porque os editores olham para elas como mulheres e não profissionais", disse, acrescentando que "elas vão à escola, mas quando regressam com diplomas continuam a fazer as mesmas coisas porque não encontram espaço para implementarem o que aprenderam, facto que desencoraja as mais novas na profissão.

"Os homens pensam que as mulheres não têm capacidade de trabalhar e chegar longe sozinhas.

Segundo eles, a mulher precisa, sempre, da ajuda deles. Porém, para tal acontecer é necessário trocar favores, e tais benevolências chamam-se sexo", disse Pamela Shumba, outra jornalista zimbabweana, comentando a questão do assédio sexual, que dominou o encontro.

"Como alcançar o equilíbrio do género nas empresas de Comunicação Social nos nossos países se ainda enfrentamos problemas como estes?", questionou a jornalista, argumentando que muitas vezes a mulher escreve a sua reportagem, mas, infelizmente, o editor não a publica, pura e simplesmente, durante uma ou três semanas, até ela reclamar. E quando isso acontece, lá são apresentados argumentos infundados só para a obrigar a ceder aos "apetites" sexuais do chefe.

Eva Stabell, gestora de projectos do Sindicato Norueguês de Jornalistas, foi mais contundente ao referir que a Redacção é o lugar mais perigoso para a mulher

jornalista, pois é onde é assediada e, para singrar, algumas acabam cedendo à chantagem porque se assim não for "morrem" profissionalmente, uma vez que qualquer possibilidade de seguir em frente, como jornalistas, ser-lhes-á vedada.

Para ela, as mulheres devem autovalorizar-se, não ceder a pressões baseadas no assédio sexual. Se tiverem de ser promovidas, sê-lo-ão na base da sua competência e capacidade, e não como resultado de cedência ao assédio sexual, pois isso não é menos que uma agressão aos direitos da mulher e delas como jornalistas.

É verdade que, para uma mulher poder progredir na carreira, são-lhe exigidos vários itens, incluindo maturidade. Eu pergunto: como ganhar experiência e maturidade se não temos oportunidades de estar nos tais lugares onde se ganha proeminência? questionou a jornalista malawiana Mandy Pondani.

Diferenças são um costume herdado pelas civilizações

O evento, promovido pela Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), pretendia munir as participantes de conhecimentos necessários que, uma vez nos seus países, poderão permitir-lhes reivindicar os seus direitos como profissionais de Jornalismo.

Tratou-se de jornalistas de Moçambique, Angola, Botswana, Zimbabwe, Zâmbia, Lesoto, Suazilândia, Malawi e África do Sul, que durante cinco dias participaram num curso de formação sobre questões de género na Comunicação Social, com enfoque para o assédio sexual, promoção na carreira profissional e salário igual para trabalhos iguais, quer realizados por homens, quer por mulheres.

Pretende-se que as 15 participantes façam a disseminação dos conhecimentos adquiridos nos seus países, para que em uníssono a mulher jornalista faça valer os seus direitos nas empresas jornalistas. Neste sentido, as participantes deverão promover formações idênticas envolvendo outros jornalistas.

Cientes de que actualmente a situação do desequilíbrio do género esteja a registar melhorias em alguns países da região austral de África, as jornalistas consideraram pertinente continuar a trabalhar juntas no sentido de combater as diferenças persistentes no tratamento de mulheres e homens na Comunicação Social. "E verdade que alguns países estão mais avançados que outros, mas o problema do assédio sexu-

al, desigualdades salariais e dificuldades de promover mulheres continuam a ser factos que devem ser denunciados e combatidos", referiram as participantes.

Aliás, Asanda Sokanyille, jornalista sul-africana, disse, a propósito destes factos, que o seu país está a registar progressos em termos de equilíbrio de género, mas, infelizmente, continuam a prevalecer algumas inquietações no que diz respeito à igualdade de oportunidades entre homens e mulheres jornalistas, sobretudo em matérias de participação nos órgãos de tomada de decisões nas empresas de Comunicação Social, um problema considerado pelas participantes não inerente apenas a este sector, mas a muitos outros.

Esta jornalista lamentou as

poucas oportunidades que as mulheres têm de se formar, o que, segundo ela, lhes abriria algumas portas para participarem na discussão e tomada de decisões importantes sobre a vida das suas comunidades, dos locais de trabalho e mesmo do país.

No Malawi, a situação é análoga, segundo a jornalista Mandy Pondani, o que significa que o equilíbrio de género está a melhorar, mas as inquietações se mantêm porque ainda há janelas que deixam passar alguns feixes de desigualdade no que diz respeito aos direitos e oportunidades entre jornalistas de ambos sexos.

"Nós também estamos a registar alguns progressos, mas ainda não estamos satisfeitos com o que está a acontecer. Por isso gostaria de saber, neste encontro, como é

que nos outros países a mulher jornalista lida com esta matéria de "gender equity and safety" (o que na língua portuguesa significa equilíbrio de género e segurança), disse a malawiana.

fazer as mesmas coisas porque não encontram espaço para implementarem o que aprenderam, facto que desencoraja as mais novas na profissão.

"Os homens pensam que as mulheres não têm capacidade de trabalhar e chegar longe sozinhas,

apresentados argumentos infundados só para a obrigar a ceder aos "apetites" sexuais do chefe.

Eva Stabell, gestora de projectos do Sindicato Norueguês de Jornalistas, foi mais contundente ao referir que a Redacção é o lugar mais perigoso para a mulher

são-lhe exigidos vários itens, incluindo maturidade. Eu pergunto: como ganhar experiência e maturidade se não temos oportunidades de estar nos tais lugares onde se ganha proeminência?" questionou a jornalista malawiana Mandy Pondani.

Diferenças são um costume herdado pelas civilizações

OS cognitivistas defendem que, como crianças, todos nós, homens e mulheres, nascemos iguais em qualquer parte do mundo. A diferença entre nós surge a partir do meio social onde crescemos, pois é este meio que nos vai moldar, proporcionando-nos uma grande carga cultural que destaca e distancia homens e mulheres. Segundo essas crenças culturais milenares, a mulher nasceu para servir e acompanhar o homem, que, por sua vez, deve cumprir o papel de defendê-la, ampará-la e guiá-la.

Porém, a ciência diz que nada disso é verdadeiro. As "diferenças" não passam de costume herdado pelas civilizações, sem nenhuma base científica.

Desde que a mulher ingressou no mercado de trabalho, vários aspectos relacionados com a discriminação baseada no género têm se manifestado, tais como desigualdades salariais. Geralmente as mulheres recebem menos que os seus colegas homens; têm menores oportunidades de conseguir emprego; são as primeiras a entrar na lista de demissão quando há uma necessidade de redução da mão-de-obra nas empresas; e, por fim, são as maiores vítimas de assédio sexual.

Entende-se, segundo a teoria, por assédio sexual, todo o comportamento indesejado, nomeadamente baseado em factores de discriminação, praticado aquando do acesso ao emprego ou já no próprio trabalho, com o objectivo de perturbar ou constringer a pessoa, afectar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante e desestabilizador. A manifestação do assédio pode ser sob forma verbal, não verbal ou física.

Para Jane Worthington, da FIJ e formadora, o assédio sexual pode manifestar-se por um sim-

ples olhar, gestos ou elogios do traje de uma colega. "Se um homem disser tens um vestido lindo, sem malícia, não há nenhum problema. O importante é verificar se por detrás desse elogio não há má intenção", sublinhou.

Sobre esta posição, Louis Thomasi, senegalês, gestor de projectos na Federação Internacional de Jornalistas, reconhecendo que o problema de assédio é uma das formas de discriminação da mulher, insurgiu-se contra o extremismo, referindo que não se pode considerar mal intencionado um jornalista que aprecia uma colega da Redacção, porque por vezes

isso resulta de um sentimento profundo e verdadeiro. "Como apreciar uma mulher na Redacção sem ser mal-entendido?" - questionou, e a resposta veio quase de todas as participantes: "deixe-a sair da Redacção e declare-se lá fora, sem recorrer ao poder que tem sobre ela para a chantagear.

Tal como foi referido durante a formação de Joanesburgo, é importante que os sindicatos olhem para a questão dos desequilíbrios do género na Comunicação Social, nomeadamente assédio, promoção e diferenças salariais, como assuntos que interferem no progresso da mu-

lher jornalista, sendo por isso necessário combatê-los, em prol de um ambiente de trabalho saudável para todos os profissionais da Comunicação Social.

O assédio sexual, conforme sustentaram as jornalistas, tem um impacto negativo na vida profissional das vítimas, por constituir uma violência à sua dignidade, afectar a sua personalidade e, em última análise, interferir no seu trabalho. Aliás, elas sublinharam que vezes há em que as vítimas ficam sem vontade de continuar a trabalhar, pela tamanha humilhação e chantagem que o acto transporta.

Solidariedade é a peça-chave



Todos os profissionais da Comunicação Social devem encontrar um ambiente de trabalho sã na Redacção

MANIFESTAR solidariedade e apoiar as mulheres vítimas de assédio sexual e de outras formas de discriminação baseadas no sexo, na carreira jornalística, são algumas das várias soluções apresentadas pelas participantes durante os debates.

As jornalistas salientaram que as mulheres ainda têm de fazer muito no âmbito do equilíbrio do género em muitos sectores de actividade, levantando a voz para usufruírem dos seus direitos nos países africanos. Porém, isso não pode ser feito de uma forma

isolada, pois não terá nenhuma expressão, é necessário que o grito seja uníssono.

"Por mais que uma mulher assediada comunique o facto ao editor, ele não vai fazer nada, tendo em conta que também é homem e, provavelmente, tenha suas vítimas, para além de que eles, os homens, são bastante solidários", disse a jornalista zimbabweana Vitória Mtomba.

A situação das empresas de Comunicação Social é descrita como desfavorável à mulher, uma vez que nas Redacções

ela se encontra em minoria, havendo até alguns órgãos que só têm uma ou duas mulheres, encontrando-se, por isso, desprotegidas.

Segundo as participantes, alguns países da região, tal como Moçambique, estão mais avançados em termos de penalização do assédio sexual. Porém, noutros as mulheres ainda estão numa situação de vulnerabilidade, uma vez não existir legislação inerente à matéria. Por isso, as associações jornalísticas, os sindicatos e outras organizações da

sociedade civil são chamados a desempenhar um papel preponderante na sensibilização das autoridades nacionais para a criminalização do assédio sexual.

"As mulheres vítimas deste mal devem denunciar os factos, incluindo casos de baixos salários que podem estar associados ao assédio sexual", sublinharam as participantes, acrescentando que é preciso dizer "NÃO" com vigor para o assediador perceber que a mulher não quer mesmo, porque se assim não for ele vai continuar a importuná-la.



Jane Worthington, da FIJ e formadora, em primeiro plano, com o grupo de participantes